

# Senador biônico durou oito anos

A escolha de parentes como suplentes nunca foi tão freqüente. É a primeira vez que, em uma só legislatura, cinco senadores têm parentes próximos como substitutos eventuais. É a primeira vez, também, que um só senador tem dois parentes em suplências: Iris Rezende não só tem o irmão Otoniel em sua própria suplência, como sua esposa, também chamada Iris, é a suplente do também goiano Maguito Vilela. Há ainda os dois irmãos Dias, Osmar e Álvaro, só que ambos foram eleitos pelo voto direto, exprimindo uma escolha da população.

No entanto, a escolha de parentes também não é uma novidade. O caso mais notório foi o do veterano senador Dinarte Mariz, que já cumpria o terceiro mandato quando ganhou um quarto, desta vez como biônico. Vale lembrar, senador biônico foi uma figura jurídica que durou apenas oito anos, no regime militar: era escolhido pelo Planalto e ratificado pelas assembleias legislativas. Muito forte entre os militares, Dinarte não só

ganhou a cadeira em 1978 como impôs o genro, Moacir Duarte, como suplente. Morreu durante o mandato, que foi completado por Duarte.

Outro antigo cacique regional, o maranhense Victorino Freire, aliás amigo de Dinarte, também deu uma suplência ao filho, Luiz Fernando Freire, em 1974. Só que era a suplência de outro, o senador Henrique La Rocque. Também La Rocque morreu no meio do mandato e Luiz Fernando Freire, um amável e anódino compositor de música popular, ficou com a cadeira.

Antes disso houve outros parentes no Senado. Mas eleitos. Foi o caso de Alagoas, em que três irmãos ocuparam sucessivamente cargos de senador. Eram os irmãos Góes Monteiro: Pedro Aurélio, poderosíssimo general, Ismar e Silvestre. Antes do Estado Novo, outro irmão, Manoel César, também fora senador. Mas todos eleitos. Era

a época em que a família Góes Monteiro mandava tanto em Alagoas que se apelidava o Estado de Alagóes. O último Góes a deixar o Senado, em 1967, Silvestre Péricles, foi o rival de Arnon de Mello (pai de Fernando Collor) no famoso tiroteio em que morreu outro senador que nada tinha a ver com a briga.

A aparente obscuridade da suplência serve para abrigar outras aspirações. Gilberto

Miranda, político empresário de São Paulo com negócios em Manaus, foi suplente duas vezes. Acabou sendo senador por mais de seis anos sem

nunca ter recebido um voto. Hoje é suplente de novo, do amazonense Gilberto Mestrinho. Em Roraima, o ex-governador Hélio Campos concorreu sozinho contra os principais partido. Nenhum político lhe deu apoio. Sem opções, colocou na suplência o mestre de obras que lhe prestava ser-

viços. Morreu menos de dois meses após assumir e o suplente, João França, exerceu quase todo o mandato.

Mas se a suplência serve para abrigar parentes e amigos, às vezes sobra para inimigos. Quando se compôs a chapa para senadores no Acre, em 1970, havia poucas dúvidas a respeito dos dois titulares: seriam o já senador José Guimard, o fundador do Estado, e o deputado mais votado, Geraldo Mesquita. Dois empresários locais ocupariam a suplência e um deles exigiu a de Guimard, já velho e doente. No meio do mandato, Mesquita foi eleito governador e o suplente, Altevir Leal, ganhou quatro anos no Senado. Em 1978, novas eleições, Guimard é escolhido senador biônico. Vetou o antigo suplente:

- Esse não. Apostou na minha morte.

Altevir foi suplente de novo. E, de novo, o mandato vagou pela metade, com a morte de Guimard. O feliz Altevir faturou mais quatro anos de senador, sempre sem um votinho sequer.

**Pessoas da  
mesma família  
em cargos  
eletivos não são  
novidade. Mas  
há exageros**